

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
RENAN RUBENS GUIMARÃES DE VASCONCELOS**

**O LUGAR DA ALTERIDADE NA PEDAGOGIA TOMASIANA  
SEGUNDO A OBRA *DE MAGISTRO***

Juiz de Fora  
2020

**RENAN RUBENS GUIMARÃES DE VASCONCELOS**

**O LUGAR DA ALTERIDADE NA PEDAGOGIA TOMASIANA  
SEGUNDO A OBRA *DE MAGISTRO***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Universitário  
Academia como requisito parcial para a  
conclusão do Curso de Licenciatura em  
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes  
de Oliveira

Juiz de Fora  
2020

VASCONCELOS, Renan Rubens  
Guimarães de. **O lugar da alteridade na  
pedagogia tomasiana segundo a obra  
*De Magistro***. Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como requisito parcial  
para conclusão do curso de Licenciatura  
em Filosofia do Centro Universitário  
Academia, realizado no 2º semestre de  
2020.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)  
Orientador

---

Prof. Ms. Pe. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Dedico este trabalho à Virgem Maria,  
Senhora das Mercês, minha especial  
intercessora.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por conceder-me o dom da vida e ajudar-me na realização desta pesquisa.

À Santa Igreja Católica, a qual amo, venero, na qual professo minha fé, à qual desejo servir e que, através do Seminário Diocesano “São Tiago”, me ofereceu os estudos de Filosofia.

Aos meus pais Robson e Simone, primeiros formadores da minha conduta e educação, que são meus alicerces em toda a minha caminhada.

À minha irmã Rafaela, pela companhia e irmandade, às minhas amigas concretas e diárias, Diácono Paulo Emílio, Dorotéia, Jonathan, Rinaldo e Vinícius, grandes aliados e meus sustentáculos nos momentos de aflição.

Agradeço ao Centro Universitário Academia pela grandiosa dedicação na nossa formação educacional, em especial ao curso de Filosofia, na pessoa de sua coordenadora Prof.<sup>a</sup> Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira, pelo apoio nesta trajetória e aos demais Professores, pela formação extraordinária que recebi.

Por fim, ao exemplar Professor Geraldo Tibúrcio, pelas contribuições técnicas e conversas agradáveis, e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram na minha formação acadêmica, o meu muito obrigado!

Uma educação eficaz apoia-se  
inteiramente na razão, na  
religião e na bondade.

São João Bosco

## RESUMO

VASCONCELOS, Renan Rubens Guimarães de. **O lugar da alteridade na pedagogia tomasiana segundo a obra *De Magistro***. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia. Juiz de Fora, 2020.

O Período Medieval no Ocidente foi fortemente marcado por diversas transformações na sociedade e na vida dos homens, nas questões referentes às relações sociais e culturais. Em meio a esse contexto, houve também, no século XII, o ressurgimento das escolas urbanas e, no final do mesmo século e início do seguinte, a origem das universidades. Num período bastante conflituoso com relação às ideias e à forma do agir humano, eram apresentadas luzes à sociedade de então pelo pensador Tomás de Aquino (1225-1274). Através dele houve uma reformulação do pensamento aristotélico, que transformou a sociedade da época e os séculos que se sucederam. A importância do Aquinate foi tamanha que o filósofo, produziu a obra intitulada ***De Magistro***, composta de quatro artigos, cujo objetivo central é propor reflexões sobre o processo do conhecimento humano, bem como o papel do professor e do aluno no que concerne a esse conhecimento. Demonstrou, assim, como se dá o aprendizado e a forma de ensinar, assinalando, de forma bastante evidente, aquilo que denominamos alteridade do aluno e do professor.

Palavras-chave: ***De Magistro***. Educação. Aluno. Professor. Alteridade.

## ABSTRACT

The Medieval Period in the West was strongly influenced by many changes in society and in the people's lives, in questions about social and cultural relations. In this context, the resurgence of urban schools also emerged in the 12th century, in the West, and, at the end of the same century and the beginning of the next, the birth of universities. In this very conflicted period about the ideas and the form of human action, lights were presented to that society by the thinker Thomas de Aquinas (1225-1274). Through him there was a reformulation of Aristotelian thought, which transformed the society of that time and the next centuries. The Aquinate was so important that he produced a work entitled ***De Magistro***, composed of four articles, whose central objective is to propose reflections on the process of knowledge of man as well as the role of the teacher and the student in what concerns knowledge, demonstrating how learning takes place and the way of teaching, thus indicating, in a very evident way, what we call otherness in the student and the teacher.

Keywords: ***De Magistro***. Education. Student. Teacher. Otherness.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2</b>	<b>O CONTEXTO HISTÓRICO DO PERÍODO MEDIEVAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A EDUCAÇÃO</b> .....	12
2.1	IDADE MÉDIA: OS DESAFIOS DE UM NOVO PENSAR EDUCACIONAL .....	12
2.2	TOMÁS DE AQUINO: A NECESSIDADE DE RESSUSCITAR O PENSAMENTO ARISTOTÉLICO .....	18
<b>3</b>	<b>PEDAGOGIA E PENSAMENTO TOMISTA EM <i>DE MAGISTRO</i></b> .....	23
3.1	<b><i>DE MAGISTRO</i></b> E SEUS PRINCIPAIS ASPECTOS PEDAGÓGICOS .....	23
3.2	<b><i>DE MAGISTRO</i></b> : APONTAMENTOS PERTINENTES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO .....	29
<b>4</b>	<b>A PEDAGOGIA TOMISTA CONTEMPLADA COMO RESPOSTA AOS PROBLEMAS PEDAGÓGICOS ENFRENTADOS NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	34
4.1	APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA TOMISTA NA ATUALIDADE .....	34
4.2	ALTERIDADE: RELAÇÃO EMPÁTICA ALUNO-PROFESSOR NO PROCESSO EDUCACIONAL .....	39
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

O termo educação resulta da expressão latina **ex ducere**, cuja tradução é conduzir para fora. Deste modo, e assumindo uma perspectiva em consonância com a antropologia ocidental clássica, oriunda do encontro entre pensamento grego antigo e cristianismo, a verdadeira educação seria aquela que conduz o homem para fora de si mesmo, pois todo ser humano seria um ser racional composto de corpo e alma e, como tal, é capaz de aprender e compreender.

A educação moral e das virtudes é adquirida, predominantemente, no ambiente familiar, através das relações interpessoais, enquanto que a cultura geral e a educação intelectual, que orientam o homem para a vida acadêmica e profissional, são adquiridas predominantemente nas escolas e nas faculdades, através do auxílio dos professores.

Estabelecida essa relação, discorreremos, neste trabalho, a respeito da maneira e da técnica de ensinar do professor, bem como o modo de proceder do aluno, visto que tudo isso influencia, sem dúvidas, no processo educacional. Para aprofundar na temática da educação e de como se dá o processo educacional, é relevante lembrar da figura de Tomás de Aquino. Embora inserido em um contexto medieval, ele apresenta várias e importantes reflexões, que podem ser aplicadas no mundo contemporâneo, principalmente naquilo que concerne à questão da alteridade entre aluno e professor.

Além disso, é importante ressaltar que, já no tempo da Grécia Antiga, havia grande preocupação quanto à educação e ao conhecimento do cidadão. Naquela época, havia várias obras com um conteúdo bastante denso, e os cidadãos gregos as compreendiam, pois eram, em geral, doutos, e essa erudição se dava graças à educação pedagógica que recebiam desde muito cedo. Os anos se sucederam e, ainda assim, verificava-se essa mesma preocupação significativa com relação ao conhecimento, sobretudo com o aperfeiçoamento da escrita, da expressão verbal e da fala.

É perceptível que, ao longo de toda a história humana, sempre houve reivindicações de um ideal de formação integral do homem. É notável, ainda, que essa formação, ainda que com seus significados diferenciados, conforme o contexto, perdura e é cultivada até os dias atuais, uma vez que, o homem tem necessidade de se conhecer e compreender o espaço em que vive.

Desse modo, neste trabalho, entende-se por formação a aprendizagem, isto é, a aquisição ampla de todo tipo de conhecimento; mas, para que haja a formação, é necessária uma educação. Porém, por muito tempo, a educação foi privilégio de poucos cidadãos. Hoje, com o desenvolvimento das sociedades, a educação se tornou um direito em quase todos os países do Ocidente, permitindo que os indivíduos se apropriem dos valores, das habilidades e dos conhecimentos necessários para que façam suas reflexões e sejam críticos na vida em sociedade.

Para se ascender ao conhecimento, é necessário que se estabeleça uma relação apropriada entre aluno, professor, método e conteúdo ensinado. Surge, assim, uma pergunta, a qual nos empenhamos por responder neste trabalho: qual o lugar da alteridade no processo educativo?

A respeito da alteridade, responde Tomás de Aquino, na segunda questão de sua obra ***De Magistro***, se o aluno necessita da intervenção do professor para ascender ao conhecimento ou se o próprio indivíduo pode adquirir o conhecimento e chegar à verdade sem por si próprio. A esse respeito, adverte o filósofo que essa última alternativa não seria a melhor maneira de adquirir o conhecimento, pois ninguém pode ser mestre de si mesmo.

A figura deste pensador tem sua importância, pois, apesar de inserido em um período de crise e relativamente distante, fez com que os rumos da história mudassem e a educação fosse concebida de outra forma, ainda que esse fato não tenha tanto reconhecimento na atualidade. De modo especial, sua contribuição para o processo educacional se dá por meio de sua obra ***Sobre o Mestre (De Magistro)***, a qual respondia aos anseios vigentes naquele período e que apontam caminhos para sair de tal tensão ainda hoje. Essa contribuição é ainda atual, uma vez que o Aquinate dissertou a respeito da alteridade, isto é, sobre o papel que deve ocupar o mestre e o discente na questão referente às relações de ensino, para que a educação contemple o fim ao qual a mesma se destina.

É importante lembrar ainda que educação não consiste somente em transmitir um conteúdo, mas deve possuir a forma e a técnica de ensinar e aprender, como discutiremos neste trabalho, que fará uma análise da obra do filósofo medieval e cujo tema fundamental corresponde à forma de ensinar do professor e o modo de proceder e aprender do aluno, características que, sem dúvidas, são básicas para o processo educacional.

Nesse sentido, este trabalho pretende expor como o pensador concebe a questão pedagógica, bem como tudo aquilo que se refere ao processo de transmissão do ensino aos alunos. Para seu desenvolvimento, serão utilizadas como método a análise e a compreensão do tema assumido, através de pesquisa qualitativa de investigação teórica, iluminadas pela experiência de estágio adquirida em ambiente escolar.

A hipótese inicialmente assumida é a de que este filósofo é um expoente no período medieval sobretudo no âmbito da educação, ênfase não comumente observada, e que suas ideias pedagógicas ainda têm pertinência hoje. Tomás de Aquino releu as obras de Aristóteles e produziu a obra ***De Magistro***, dissertando sobre a temática da pedagogia no mesmo momento em que exercia o ofício de professor na Universidade de Paris.

O objetivo deste trabalho é apresentar as contribuições de Tomás, mostrando a temática da educação e seus possíveis desdobramentos a partir da obra dele. Para tanto, serão apresentadas a trajetória do Aquinate e a sua concepção pedagógica, segundo a obra escolhida.

O trabalho será composto de três capítulos. O primeiro analisará o período medieval, contextualizando nele uma breve biografia de Tomás, para que se possa compreender a importância dele no âmbito educacional. O segundo capítulo tratará da questão pedagógica, abordando os elementos fundamentais da obra estudada, na qual o filósofo disserta sobre a temática do ensino e do aprendizado com uma noção bastante ampla do tema da educação. O terceiro capítulo, por fim, tratará sobre a questão da alteridade na relação aluno-professor, com base nas argumentações do pensador e em paralelo com as experiências de estágio, para que se possam incentivar propostas de uma educação que contemple seu objetivo final de integração humana, ante os desafios do mundo contemporâneo.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO PERÍODO MEDIEVAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A EDUCAÇÃO**

Este capítulo tem por objetivo contextualizar a obra de Tomás de Aquino, para que se possa compreender sua importância no âmbito educacional tanto em sua época quanto na atual, relatando as influências, contribuições e desafios enfrentados em sua pedagogia.

### **2.1 IDADE MÉDIA: OS DESAFIOS DE UM NOVO PENSAR EDUCACIONAL**

Antes de adentrarmos no contexto do período medieval propriamente dito, precisamos levar em consideração que, desde a Antiguidade, grandes pensadores procuraram conhecer e aprofundar-se na questão da formação humana. Dentre eles, destacam-se Aristóteles e Tomás de Aquino, intelectuais proeminentes que muito contribuíram e de forma autêntica, dedicando tempo e esforços à pesquisa filosófica e correlatas.

Desse modo, qualquer um que queira compreender e emitir uma opinião sobre algo que considere sério deve antes de tudo compreender também seus precursores. Estabelecer um caminho certo para aqueles que a ele recorrerem (PETERSON, 1981).

Assim, por Filosofia Medieval deve se compreender o conjunto das reflexões filosóficas desenvolvido no período que estende do século XV ao XVI, marcado pelo Helenismo e pelo Renascimento, somado ao período que vai do século XV ao XVI, quando ocorrem os primeiros indícios do pensamento moderno. Foi um período total de aproximadamente dez séculos, um pouco mais de mil anos. Destaca-se, neste período, o desenvolvimento da Escolástica, compreendido entre os séculos XI e XII, durante os quais se dá o auge do tempo medieval. Com efeito, é bastante comum que os períodos históricos, ao encontrarem seu auge, deparem-se, nos anos precedentes, com seu mesmo fim (MARCONDES, 2004).

Quanto ao ano exato em que teve início a Idade Média, são diversas as fontes históricas de informação. Alguns historiadores afirmam ter sido em 476, com a queda do Império Romano; outros, com a coroação de Carlos Magno em 800, outros, ainda, com a morte de Carlos Magno em 814, e, ainda outros, em 843, com o fim do Império dos Francos. Todavia, os historiadores são unânimes em defenderem

a ideia de que a Idade Média se inicia, de todo modo, somente após a queda do Império Romano.

Da mesma forma que é difícil estabelecer o início do tempo medieval, é uma tarefa árdua tentar estabelecer o ano de seu término. Os historiadores são quase unânimes em afirmar que seria com o surgimento da Renascença, no período entre os séculos XV e XVI. Assim, o fim desse tempo se daria com o término da Guerra dos Trinta Anos, em 1648, ou após a reforma religiosa da Alemanha por Martinho Lutero, em 1517, ou com a descoberta da América em 1492, ou ainda mais cedo, com a invenção da imprensa em 1439 (PETERSON, 1981).

Os primeiros pilares da Filosofia Medieval foram pertencentes à escola neoplatônica cristã de Alexandria; e foi através desta escola que se elaboraram e se desenvolveram o platonismo e os ensinamentos cristãos. Todavia, no século II d.C. já se observavam, em Alexandria, traços do desenvolvimento e da aproximação entre o platonismo e os ensinamentos cristãos, o que fez com que surgisse a escola neoplatônica de Alexandria, grande responsável por formular aquilo que se denominou mais tarde Filosofia Cristã (REALE; ANTISERI, 1990).

A Filosofia Cristã, ou Filosofia Medieval, é dividida em duas fases, seja ela no âmbito filosófico, seja no cultural. A primeira fase corresponde ao período situado entre a queda do Império Romano, no século IV, e os primórdios do século X, tempo em que a situação política e econômica começou a se estabilizar. A segunda fase é marcada pelo desenvolvimento da Escolástica, pela reflexão filosófica e pelo surgimento das universidades, entre os séculos XI e XVI, com a crise do pensamento escolástico e o surgimento do Humanismo Renascentista (MARCONDES, 2004). De acordo com o autor:

A universidade medieval é efetivamente o ponto de partida da concepção e do modelo de universidade que temos até hoje, apesar das sucessivas mudanças pelas quais este modelo passou. Trata-se não só de uma instituição de ensino, mas de pesquisa e de produção do saber, de discussão e de polêmica, o que se reflete nas constantes crises em que se viu envolvida e nas igualmente constantes intervenções do poder real e eclesiástico (MARCONDES, 2014, p. 128).

No século IV, sobretudo na sua segunda metade, ocorreu o período da Idade do Ouro, a Patrística<sup>1</sup>. Este período se divide em três partes: a primeira, antes de Agostinho, na qual se destacam os apologistas e os Padres Alexandrinos; o período agostiniano, no qual Agostinho merece grande ênfase, visto que muito contribuiu para a propagação da Filosofia Cristã; o período pós-agostiniano, durante o qual aconteceu a decadência da Patrística, que foi marcada pelo pensamento filosófico e teológico, uma vez que as heresias<sup>2</sup> da época colocavam os padres frente ao problema de defender a doutrina cristã de forma racional e filosófica (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1970).

No século VI, a Patrística, bem como toda a cultura da época vigente entraram em declínio, e as razões para que isso ocorresse foram várias, sejam elas políticas, culturais, sociais, filosóficas, especulativas e eclesiais (PETERSON, 1981). Cabe ressaltar ainda que o pensamento agostiniano perdurou por quase um milênio, do século IV até o século XIII. Este pensamento foi a base de toda a Filosofia e Teologia da época, até que surgiu outro grande pensador, cujo pensamento o superou em interesse e o substituiu contextualmente como fonte de respostas, que foi o de Tomás de Aquino, sobretudo com o apogeu escolástico e a criação das universidades. A segunda fase do período medieval merece grande ênfase, pois foram nos séculos que a constituíram que houve profundas mudanças. Foi graças a essas mudanças, abordadas a seguir, que o pensar filosófico adquiriu forças e alcançou grande parte da Europa na época.

Os séculos XI, XII e XIII foram fortemente marcados pela urbanização e por um perfeito ordenamento entre o poder político, civil e religioso. Nesses três séculos, havia grande harmonia e tudo na sociedade convergia para as questões referentes à fé e ao senhorio de Cristo, como aquele que tudo rege. A partir do século XIII, ocorreu uma ruptura nessa forma de agir e, devido às mudanças na sociedade, tanto na corte como nos meios mais simples urbanos e rurais foram adentrando novas formas de conceber o mundo, dando início, mais tarde, ao período que denominamos moderno (PETERSON, 1981).

---

<sup>1</sup> Período marcado pelo pensamento cristão do Neotestamento, que chegou até o início da Escolástica. Nesse período está contido todo o pensamento dos padres que foram responsáveis por elaborarem a teologia cristã (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1970).

<sup>2</sup> De origem grega, a palavra heresia significa retirar. Foi utilizada primeiramente pelo judaísmo para definir a situação das seitas que se afastaram da tradição rabínica, e, posteriormente, entrou para o vocabulário cristão por meio dos judeus convertidos para se referir àqueles que se afastam da retidão da doutrina cristã (BERARDINO, 2002).

Além disso, o século XIII é considerado pelos sérios historiadores não somente como tempo da Escolástica, como já vimos, mas também como sendo o período da alta Idade Média. Este foi um século rico, sobretudo nas questões relacionadas à política, à economia e conseqüentemente às questões sociais, na mudança de vida dos indivíduos, como, por exemplo, o declínio do feudalismo, aumento das comercializações, ascensão da burguesia e fortalecimento do poder real (GODOI, 2013).

Assim, em um contexto de grandes mudanças, com a saída de muitas pessoas do meio rural, com o fim do período feudal, para o meio urbano fazia-se necessário elaborar uma forma de viver e conviver. O homem era confrontado com a necessidade de elaboração de normas de conduta para que pudesse se portar bem na sociedade nascente.

Esses séculos foram profundamente marcados por diversas transformações nos costumes e hábitos, tendo início no século XII, no Ocidente, o ressurgimento das escolas urbanas e, no final desse mesmo século e início do XIII, o surgimento das universidades (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2008).

A respeito das universidades, merece destaque a de Paris, centro do mundo teológico da época que possuía organização e estrutura que servia de base para todas as outras. A organização e boa estrutura da universidade se deram devido à junção das instituições particulares com a escola catedral. Além disso, o ensino ali administrado era aquele referente às grandes ciências da época: Artes, Teologia, Medicina e Direito, contando ainda com um ensino de filosofia de qualidade, ressaltando-se que os estudantes das referidas disciplinas passavam antes pela Filosofia. A Universidade de Paris zelava por um perfeito ordenamento entre a fé Católica e a razão. A respeito das universidades é importante ressaltar que,

[...] não foram fundadas formalmente como entidades oficiais, mas desenvolveram-se normalmente do florescimento das escolas monásticas e das catedrais do século anterior. A necessidade de constantemente atrair novos candidatos às ordens religiosas e de treiná-los para assumirem seus lugares no sistema eclesiástico, altamente hierárquico, levou à organização de inúmeras escolas. Estas eram geralmente dirigidas por um só mestre e se reuniram nos mosteiros, conventos e catedrais. Outros professores itinerantes, “gramáticos” e “dialéticos” vagueavam de lugarejo em lugarejo, de país em país, abrindo uma “escola” onde quer que encontrassem condições propícias (PETERSON, 1981, p. 109, grifo do autor).



Após o surgimento das universidades e com a influência de Tomás e de outros pensadores da época, a universidade de Paris tornou-se naquele período o centro do pensamento teológico e foi dividida em quatro faculdades: Arte, Teologia, Medicina e Direito.

Tendo em vista que havia muitas transformações no Ocidente e que a forma de viver tornava-se mais complexa, fazia-se necessário levar em conta um conhecimento que fosse mais teórico. Desse modo, teve início a redescoberta dos escritos da Antiguidade.

Os grandes pensadores do período medieval perceberam que as obras do período antigo tinham muito a contribuir na formulação de um pensar que fosse atual. Retornaram assim, aos textos da Filosofia e da ciência grega por autores como Al-Farâbi<sup>3</sup>, Avicena<sup>4</sup>, Averróis<sup>5</sup> e Aristóteles, o qual merece ênfase nesta pesquisa, porque o Aquinate faz profunda releitura do pensamento dele, influenciando assim todo século da época vigente e os séculos subsequentes àquele período (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido podemos ler que:

Desde os tempos mais remotos, os filósofos demonstraram profundo interesse na história de sua disciplina. Importantes pensadores, tais como Aristóteles, Tomás de Aquino e Hegel, eram historiadores da filosofia e a grande maioria dos homens que fizeram contribuições autênticas ao pensamento do mundo dedicaram tempo e esforço ao entendimento das obras de seus precursores. Qualquer homem moderno que seriamente procura pensar a respeito do mundo em que vive, a fim de estabelecer para si mesmo uma filosofia adequada, precisa compreender, pelo menos superficialmente, o pensamento dos tempos passados (PETERSON, 1981, p. 13).

Tomás, o grande Mestre do Ocidente Medieval, percebeu que as obras de Aristóteles, oriundas do período antigo, tinham muito a contribuir com o período vigente e por isso as releu atrelando-as às questões da interioridade e da fé. Ele foi o responsável, no século XIII, por construir uma filosofia conhecida como filosofia da interioridade ou filosofia do ser humano, como fez Agostinho no século IV tendo por base Platão.

---

<sup>3</sup> Conhecido também como Alfarâbi ou Farabi, foi um filósofo mulçumano da Idade Média.

<sup>4</sup> Foi um grande pensador do período medieval; escreveu sobre diversos assuntos, principalmente sobre filosofia e medicina da época.

<sup>5</sup> Filósofo, pensador e médico muçulmano, escreveu a respeito de diversos assuntos como: Filosofia, Teologia, Astronomia, Medicina e Física. Em seus escritos filosóficos defendeu as ideias aristotélicas.

Nesse sentido, compreendemos que o conhecimento da Antiguidade foi de suma importância para o século XIII. Nesse período, houve uma centralização no pensar aristotélico em uma perspectiva cristã, então influenciada pelo filósofo antigo, fruto de pesquisas sobre a filosofia aristotélica dentro dos mosteiros (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009). Estudiosos afirmam que:

Foi a Santo Tomás que coube a empresa histórica de retificar, num sentido cristão, este aristotelismo malsão que corria ao lado da teologia, sem correlação orgânica com ela, e de superá-lo de tal modo que, depois de depurado e organicamente integrado no edifício teológico, ele passasse a servir de fundamento seguro para a mesma teologia. O que deparamos em Santo Tomás não é, pois um aristotelismo genuíno. Na explanação dos textos tomísticos importa não perder de vista que os termos e conceitos aristotélicos devem ser interpretados à luz do pensamento de Tomás, e não do de Aristóteles (BOEHNER; GILSON, 2003, p. 448).

Assim, para se ter um conhecimento claro a respeito das ideias do eminente pensador medieval, faz-se necessária uma análise do pensamento de Aristóteles, sua maior inspiração filosófica. Este é muito conhecido por sua rejeição ao dualismo platônico, como mundo sensível e mundo inteligível, por exemplo. Para ele, há somente a realidade sensível.

Enquanto os platônicos afirmavam que o corpo era uma prisão que servia de obstáculo no acesso à verdade, a visão aristotélica e tomista apresenta um realismo moderado, pois os sentidos corpóreos auxiliariam para que se chegasse ao conhecimento. É através dos sentidos que se conduz o indivíduo à verdade (CAMPOS, 2019).

O homem não é formado apenas de realidades sensíveis, nele há também realidades que não são perceptíveis pelos sentidos e, ao se falar da antropologia humana, devem-se contemplar todas as realidades, não se esquecendo de nenhuma (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). Assim,

Do ponto de vista de Tomás de Aquino, a matéria é algo tão importante quanto o espírito. Aliás, a revolução de seu pensamento está exatamente nessa capacidade de unir em um só pensamento alma e corpo, Teologia e Filosofia. De seu ponto de vista, o que existe no ser humano, na natureza, no conhecimento, é semelhante à unidade entre pessoa Trina e Una de Deus. Esse pensamento representa uma grande revolução no seio da cristandade latina, porque até então, para os doutores da Igreja, a alma era o elemento mais importante do homem e o mestre Tomás eleva também o corpo ao mesmo nível de importância (MARCONDES, 2004, p. 96).

Desse modo, nota-se como Tomás é um expoente sobretudo no âmbito da educação, com ênfase naquilo que diz respeito à antropologia filosófica, afastando-se do denominado dualismo platônico, quanto às ideias de corpo e alma. Na visão neoplatônica, que tanto influenciou Agostinho, o conhecimento seria possível somente com a intervenção de uma iluminação de origem divina, ou seja, uma habilitação intelectual emanada do próprio Deus. De outro ângulo, segundo a antropologia tomista, a iluminação procede do próprio homem que, dotado de conhecimento, com a luz natural da razão conhece e ensina ao outro, não negando, porém, a iluminação divina que ilumina a vontade e convida a razão. Assim, o pensamento do Aquinate entra em conflito com o pensamento de Platão (e dos neoplatônicos) e de Avicena (CAMPOS, 2019).

Logo, compreendida a importância de Tomás nesse período, dedicaremos o próximo tópico a uma profunda análise desse grande mestre, filósofo e teólogo, que é conhecido mundialmente por suas diversas obras.

## 2.2 TOMÁS DE AQUINO: A NECESSIDADE DE RESSUSCITAR O PENSAMENTO ARISTOTÉLICO

Como vimos no tópico anterior, quando observamos o período medieval com cautela e examinamos os diversos períodos desse longo tempo, é possível que se tenha um olhar mais cuidadoso, ascendendo dessa forma a uma concepção mais plausível sobre tal tempo. Conseguimos ultrapassar a concepção negativa e tão difundida daquele período formulada entre os séculos XVI e XVIII com o intuito de difamá-lo, ou ainda, com a ideia romântica e perfeita do Período Medieval muito difundida no século XIX (GODOI, 2013).

Faz-se necessário, cada vez mais, possuir um olhar crítico, coerente e acertado acerca dos fatos, como fez Tomás, o qual, embora nascido no século XIII, tem muito a ensinar à sociedade dos nossos dias, sobretudo, no âmbito da educação, apontando considerações pertinentes com relação ao conhecimento.

Não são conhecidos dados a respeito deste filósofo, sobretudo naquilo que tange a alguns momentos de sua vida. Assim, permanecem em dúvida a este respeito, por exemplo, a data correta de seu nascimento, a qual é questão de debate entre muitos estudiosos do Período Medieval (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009). Todavia, a respeito de seu nascimento concluiu o estudioso medievista Revue

Thomiste, no ano de 1914, que o mais provável é que ele tenha nascido no ano de 1225, em uma data anterior ao dia 07 de março.

Assim, segundo este estudioso, o nascimento de Tomás, se deu na Vila de Aquino, pertencente ao Reino de Nápoles, no Castelo de Roccasecca. Era filho do Conde Landolfo de Aquino e da Condessa Teodora, e possuía por tio o jovem Simbaldo, o mesmo que era abade de um Mosteiro na região.

Sua família possuía muitos senhores próximos do imperador e da corte, além de possuir também graus consanguíneos com a nobreza alemã e com a corte da França e da Espanha. Seu tio que convenceu os seus pais a enviar o jovem para o território de Nápoles no ano de 1230 com apenas cinco anos, visto que Tomás, desde pequeno, era muito inteligente (GARDEIL, 2013). Nessa cidade, pertencente à Abadia vizinha ao Monte Cassino, o pensador permaneceu até o ano de 1239. Todos os da casa do Aquinate possuíam profundo desejo de verem um dia aquele pequeno jovem à frente do Mosteiro.

Entre os anos 1239-1244, ao completar os quinze anos, o filósofo ingressou na Universidade de Nápoles para completar a formação que já havia iniciado, bem como estudar também Artes Liberais, Filosofia e a Lógica de Aristóteles. Ali conheceu Martinho de Dácia, que o ajudou e o ensinou no aprofundamento da lógica e também Pedro da Irlanda, que o principiou no campo da Física (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009; GARDEIL, 2013).

No ano 1244, por volta dos seus vinte anos, ingressou na Ordem Dominicana, na cidade de Nápoles, e neste mesmo ano recebeu o hábito da ordem. Sua família, porém, não aceitava os votos de sua vocação religiosa e, por isso, a mando da própria família, o jovem foi confinado diversas vezes no Mosteiro. Todavia, a força de vontade de Tomás fez com que ele permanecesse fiel ao chamado que entendia ter recebido, outrora, do Cristo, ou seja, de seguir a sua vocação. Desde jovem, possuía uma decisão firme e era destemido. Escolheu essa nova forma de vida religiosa porque era aberta às novas instâncias sociais e estava envolvida num debate cultural e livre de interesses mundanos.

Há uma passagem muito especial na vida de Tomás com seu mestre Alberto Magno. Este o convidara para expor a sua opinião a respeito de certa questão que era muito debatida. Na ocasião, o jovem, que era apelidado de “Boi Mudo” em virtude do seu comportamento silencioso e reservado, com muita diligência e nitidez

expôs o problema. Seu mestre proclamou então, que seu mugido seria tão forte que haveria de ressoar em todo o mundo (REALE; ANTISERI, 1990).

Por volta dos anos de 1245 a 1252, Tomás se transferiu para a cidade de Paris, onde estudou no *Studium de San Tiago*. Lá, continuou tendo o apreço de sempre pela vida acadêmica e, por isso, seguiu os passos de Alberto Magno até Colônia e completou a mesma formação de seu mestre.

Com o apoio da Ordem dos Dominicanos, ele continuou seus estudos nas universidades de Paris e Colônia e, em 1257, diplomou-se em Teologia. Foi designado para lecionar em Paris, período em que teve início a sua carreira filosófica. Mais tarde, tornou-se professor na Universidade de Nápoles (PETERSON, 1981).

A partir de 1252, começou a lecionar como professor na Universidade de Paris na Cátedra de Bacharel Setenciário e, neste mesmo período, leu toda a Sagrada Escritura, além de comentar as **Sentenças** de Pedro Lombardo (GARDEIL, 2013).

Entre os anos de 1256-1259, além de continuar exercendo a profissão de professor da Universidade de Paris, tornou-se um grande expoente desse meio com o cargo de Mestre Regente. Nesses mesmos anos comentou a Sagrada Escritura e elaborou as obras **De Veritate** e **Suma Contra Gentios**.

Nos anos 1259-1268, na Itália, lecionou em diversos lugares e exerceu o ofício na Cúria Romana. Ali ensinou Sagrada Escritura, concluiu a obra **Contra Gentios** e começou sua obra intitulada **Suma Teológica**. Além de empenhar-se na evangelização da Itália, mais tarde ao retornar, continuou seu processo de evangelização iniciado em Roma e nas cidades de Nápoles, Orvieto e Viterbo.

Devido à crise provocada pelos averroístas, no ano 1269 se dirigiu novamente para a cidade de Paris para lecionar como professor e regente da universidade. No período 1271-1273 foi para Nápoles para estar à frente do Mosteiro Dominicano dirigindo o *Studium Generale*, muito contribuindo, aqui, com suas obras de Filosofia e Teologia para o ensino. Ao se dedicar mais de perto ao ensino durante alguns anos, Tomás produziu a obra intitulada **De Magistro**, na qual é apresentada, de forma ampla e aprofundada, a temática da Pedagogia (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009).

O Aquinate possui grande destaque entre os escolásticos e é considerado um grande gênio metafísico e um dos maiores pensadores de todos os tempos. Ele

possuía uma sabedoria admirável demonstrada pela transparência lógica e pela conexão orgânica entre as partes dos seus pensamentos. Possuía índole com mais influência aristotélica do que com influência platônico-agostiniana.

No âmbito da Educação, foi um grande mestre, pois atuou como professor universitário em Paris. Enquanto exercia este cargo conseguiu despertar em seus alunos um profundo interesse em aprender, para, assim, chegarem ao conhecimento. Isso se deu porque utilizava em sua cátedra de mestre uma linguagem precisa e clara, conseguindo oferecer aos seus discentes um método que atendesse a todos (GODOI, 2013).

Tomás defende aquilo que se chama de *Duplex Doctrina*, uma regra defendida nos mosteiros do século IV que afirmava que o abade, isto é, aquele que exerce a função de pai espiritual dos monges, deveria ensinar por meio de palavras e exemplos. Em outras palavras, ele poderia fazer o uso do rigor, sem excesso, cobrar dos seus monges, mas não os menosprezar ou desanimar. E mesmo mediante tantas regras deveria esforçar-se para ser mais amado que temido, seu rigor não deveria nunca partir de um autoritarismo (GARDEIL, 2013).

O filósofo se utiliza disso em sua pedagogia e defende que, embora o professor esteja em um cargo de autoridade, sua postura nunca deveria ser autoritária, porque o professor não deve nunca desmerecer o respeito e a liberdade de seu discente. Deve ser favorável à natureza humana, respeitar o espaço de cada indivíduo e ainda compreender as limitações de cada um.

O Doutor Angélico, como Tomás passou a ser chamado e conhecido por sua postura pessoal geral, foi antes de tudo um ícone importante e fruto do período e do meio em que vivia. Ele carregava consigo as marcas sociais, culturais e físicas, transferindo-as para sua personalidade e seu pensamento (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). Segundo o professor brasileiro:

Os cinquenta anos da vida de Tomás de Aquino (1225-1274) estão plenamente centrados no século XIII, é não só do ponto de vista cronológico: todas as significativas novidades culturais desse tempo mantêm estreita relação com sua vida e lutas. Ao contrário do clichê que o apresenta como uma época de paz e equilíbrio harmônico, esse século é um tempo de agudas contradições, tanto no plano econômico e social como no do pensamento (LAUAND, 1999, p. 4).

Tomás faleceu em 07 de março de 1274 na Abadia Cisterciense de Fossanova, pouco tempo depois de retornar da Cidade de Lyon a pedido do Papa

Gregório IX para participar do Concílio de Lyon, visto que ali estava exercendo o papel de consultor do papa. Embora tenha vivido por poucos anos, foi um homem que viveu intensamente o século XIII, contribuindo enormemente para aquele tempo e para toda a história com sua forma de pensar (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009).

Além disso, é importante ressaltar que, ao observar a trajetória de vida do pensador, não se pode esquecer que ele viveu em uma época em que a imprensa não existia, e as bibliotecas e os meios de transportes eram muito raros. Mesmo assim, conseguiu realizar muitas viagens para cidades vizinhas, a pé, e produzir ainda um vasto e fecundo magistério, com uma atividade intelectual inegável. Destacou-se como professor e escritor no campo filosófico e teológico, com diversas obras escritas de próprio punho, e outras apenas ditadas por ele enquanto outros as escreviam (GARDEIL, 2013).

Através de seus escritos e comportamentos e pela forma de realização do seu trabalho, com certeza era possuidor de uma índole serena e concentrada. As suas obras revelam grande otimismo e alimentam uma confiança irredutível no caráter racional do ser e na disposição ordenada do mundo. Além disso, ele teve uma predileção por estudar, dentre todas as criaturas de Deus, o homem. Pois, filosoficamente, é através do homem, mais do que de qualquer outra criatura, que o Ser se torna manifesto a nós.

Assim, compreendida a importância de Tomás nesse período, dedicaremos o próximo capítulo a uma detida análise de uma de suas grandes obras, denominada ***De Magistro***, na qual ele trata de modo muito claro o processo de educação do aluno e a importância do professor. O pensador medieval foi um homem que se preocupou e contribuiu para uma perspectiva de esperança nas questões do âmbito da Pedagogia, da Educação e na ascensão ao conhecimento.

### 3 PEDAGOGIA E PENSAMENTO TOMISTA EM *DE MAGISTRO*

Este capítulo tem como objetivo acentuar a importância da pedagogia tomista surgida no período medieval apontando como um marco nessa pedagogia a obra *De Magistro* de Tomás de Aquino. Para isso, o presente capítulo pretende apresentar como a obra é formada em sua estrutura, conteúdo, público dirigido e língua em que foi escrita primeiramente.

#### 3.1 *DE MAGISTRO*: SEUS PRINCIPAIS ASPECTOS PEDAGÓGICOS

Dentre as diversas obras de Tomás de Aquino, merece destaque nesta pesquisa a obra *De Magistro* (Sobre o Mestre/Sobre o Ensino), escrita entre os anos 1256 e 1259 quando o filósofo lecionava como professor na Universidade de Paris. Nesta obra, o filósofo demonstra ao seu leitor que o mestre, isto é, o professor, deve possuir um profundo conhecimento, pois ensinar é algo que leva desde a potência ao ato. Situada em um contexto de educação escolástica no qual se defende que as ideias deveriam ser examinadas de forma crítica e em disputa, o Aquinate traz reflexões ricas e importantes para o tempo presente.

Embora esta obra esteja situada em um contexto de hegemonia do pensamento cristão denominado período medieval, o escrito em questão tem muito a colaborar conosco nos dias atuais, marcados pela laicidade, uma vez que o cerne das ideias do autor é de uma educação que auxilie o aluno para que se predisponha a aprender sempre mais e que o desejo de contemplar a verdade esteja em seu interior, bem como tenha a firme vontade de se tornar um mestre, um conhecedor, capaz de transmitir conhecimento (GODOI, 2013).

Na obra, o filósofo faz uma relação bastante pertinente entre Educação e Filosofia, e não somente a filosofia ensinada nas universidades e pelos filósofos, mas principalmente a filosofia de vida. O pensador em sua obra chama a atenção para que se recupere cada vez mais o costume de se voltar para a necessidade do aluno, e acrescenta que o mestre deve estar atento às necessidades do discente para que, assim, possa conhecê-lo e conseqüentemente instruí-lo com um ensino de qualidade. Desse modo, o escrito discorre sobre o tema da missão do aluno naquilo que tange ao ensino e à aprendizagem, bem como sobre o encargo do professor no processo educacional.



A obra tem por base uma profunda preocupação com relação ao ensino, à Educação e à sua metodologia, trazendo profundas discussões não somente com relação ao conhecimento mas também em relação ao aluno e ao professor. É importante ressaltar que:

A tese fundamental do “*De Magistro*” afirma a educabilidade do homem, isto é, sua auto-atividade, plasticidade e liberdade. O conhecimento humano está em estado de “potencialidade ativa ou completa” (MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 145, grifo do autor).

Em *De Magistro*, Tomás é bastante honesto, evita todo tipo de omissão com relação ao tema abordado, pois expõe as questões a serem discutidas na ordem correta, em seguida elenca as possíveis respostas e objeções que podem surgir, expondo-as de maneira bastante clara (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

Além disso, aqueles que estão acostumados demasiadamente com a forma de escrita moderna podem ter certa estranheza quanto à maneira de escrita adotada pelo filósofo medieval em sua obra, uma vez que ele a escreve em forma de artigo e objeções. Todavia, não se deve esquecer de que esta era uma forma pedagógica muito utilizada naquele período e talvez não tanto utilizada nos dias de hoje na escrita, mas, sim, na fala, pois é próprio do homem fazer perguntas e esperar que suas perguntas sejam respondidas. Assim, esse modo escolástico pode ajudar e muito ainda hoje, pois se trata de um modo mais prático de se trabalhar (CAMPOS, 2019).

Escrita na língua latina, assim como muitas das obras daquele período, a obra *De Magistro*, em suma, é um texto pertencente a uma série de 253 artigos denominados *Questiones Disputatae de Veritate*. Esses artigos estão agrupados em um escrito com 29 questões que se dividem em 4 artigos. Eles reúnem temas relacionados à Filosofia, à Educação e à vida dos homens, apresentando em cada um dos artigos uma metodologia própria. Primeiro, o pensador inicia ressaltando as objeções com relação à temática colocada em questão e, em seguida, apresenta argumentos contrários à mesma objeção, fazendo aquilo que denominamos tese e antítese (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

No primeiro artigo, o Aquinate discorre se o homem pode ensinar e ser chamado de Mestre ou se esse título é dado somente a Deus. Ao explicitar tal pergunta, ele deixa claro que o título de Mestre trata de uma nomenclatura atribuída

a Deus, mas que se aplica ao homem quando este exerce o ofício de ensinar algo. Neste artigo, explicita sobre a questão pedagógica, relatando que o homem é capaz de ensinar a outro homem, e que este que ensina recebe o nome de mestre, pois estará conduzindo o outro à verdade (GODOI, 2013).

O filósofo defende ainda que, ao ensinar, o mestre deve recordar ao seu discípulo algo que ele já conhece, ajudá-lo para que se volte para dentro de si, em reminiscência. O mesmo mestre deve ainda auxiliar o aluno para que todos os obstáculos que o impedem de conhecer e contemplar a verdade sejam deixados de lado. O conhecimento já preexiste na alma do aprendiz, mas não como potência passiva, como defendia Platão, mas sim como potência ativa. Se assim não fosse seria impossível obter-se um conhecimento.

Desse modo, o ofício do mestre é transmitir um conhecimento ao aluno, uma vez que ele já possui em seu intelecto a predisposição para isso. Aquino defende ainda que o conhecimento do docente, quando passado de forma coerente ocorre como que uma transferência para a mente do discente (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). O filósofo afirma que:

O professor infunde conhecimento no aluno não no sentido – numérico – de que o mesmo conhecimento que está no mestre passe para o aluno, mas porque neste, pelo ensino, se produz passando de potência para ato no conhecimento semelhante ao que há no mestre (AQUINO, 2017, p.137).

O aluno é o agente principal da educação, conhece a realidade em que vive e possui o desejo de aprender e contemplar a verdade que lhe é própria. O professor, nesse sentido, é um mero auxiliar, apenas o ajuda em suas necessidades para que contemple a fundo a verdade. O docente não é um usurpador, mas auxilia o aluno na busca e conquista do saber.

Tomás deixa claro que a educação de qualidade é aquela que conduz o indivíduo a uma conquista interior, a uma função ética. Em outras palavras, para o filósofo, a educação auxilia para que o homem se torne mais humano, ou seja, que utilize suas capacidades cognitivas e assim alcance as potencialidades para as quais foi criado. Há uma passagem do discente do ato à potência, pois, para ele, o ensino compreendido como educação parte do ato. O discente é conduzido a um conhecimento que possuía em potência e que, após o processo de aprendizado, o tem no ato (GODOI, 2013).

Por sua própria natureza o homem possui o desejo de conhecer e, por isso, tende a se inclinar sempre para a verdade. Faz parte da antropologia humana a curiosidade pelo saber. O pensador afirma ainda que a verdade é a base para a educação, por isso, não se pode falar em educação sem a mesma, uma vez que no centro da educação se encontra a verdade e esta, por sua vez, não pode ser omitida. O homem é inclinado à verdade e busca um norte que é o saber, o conhecer.

No artigo segundo da obra, o autor disserta sobre a questão de o mestre ser mestre de si mesmo, ou seja, se pode o indivíduo adquirir o conhecimento e chegar à verdade sem a intervenção do outro. A esse respeito ele adverte que essa não seria a melhor maneira de adquirir o conhecimento, pois ninguém pode ser mestre de si. O Aquinate afirma que nenhum ser humano ensina a si mesmo, mas necessita da intervenção do outro, de alguém que seja superior a ele. Ele também sustenta que, por mais que o conhecimento se dê através da descoberta, há sempre a necessidade de outro que auxilie nesse processo para que o aprendiz ascenda de fato a um conhecimento verdadeiro com bom êxito (CAMPOS, 2019).

Todavia, deixa claro que existem duas maneiras de se ter o conhecimento. O primeiro modo se dá quando se chega ao conhecimento daquilo que não se tinha sozinho, sem o auxílio de um professor, sendo como que um autodidata, o que se denomina descoberta. O segundo, com o auxílio do outro, ao que se chama ensino. Ademais, acrescenta que o conhecimento existe no educando como potência ativa, pois se existisse de maneira passiva não seria possível adquirir um conhecimento por si mesmo. Além disso, se o conhecer preexistisse como uma potência apenas ativa, o conhecimento seria possível apenas com a intervenção do mestre (GODOI, 2013; PICHLER, 2019). Lemos que:

O modo de aquisição do conhecimento por descoberta seja mais perfeito por parte de quem recebe o conhecimento, pois manifesta uma maior habilidade em conhecer, no entanto, por parte de quem causa o conhecimento, é mais perfeito o que se adquire pelo ensino porque o professor, que explicitamente conhece todo o conteúdo, pode conduzir ao conhecimento a partir dos princípios gerais (AQUINO, 2017, p. 149).

O homem é o responsável pelo seu processo de conhecimento, pois possui o desejo de contemplar a verdade e chegar ao conhecimento. Porém, a figura do professor é de suma importância para o aluno, pois é ele quem guia e ampara o

discente na caminhada rumo ao conhecimento da verdade por excelência. O professor não possui um papel insignificante, ele é um agente extrínseco que auxilia o agente intrínseco. Tem uma missão especial de conduzir o aluno para que sua potencialidade intelectual se torne ato. Ele é um mestre, e ao revestir-se de tal caráter deve como que interrogar, fazer com que o aluno descubra o conhecimento que ele pode adquirir (PICHLER, 2019).

Além disso, nesse mesmo artigo, o pensador ressalta fortemente que o mestre é aquele que possui o conhecimento em ato e ao ensinar um conteúdo desenvolve em seus alunos o potencial. Nesse sentido, é imprescindível que o docente tenha realizado um preparo do conteúdo que irá transmitir aos discentes, e também tenha um domínio do mesmo para que o potencial do conhecer se dê de forma eficaz. O professor deve conhecer e ter domínio do conteúdo a ser transmitido, pois não se pode ensinar o que não se sabe e não se pode transmitir o que não se tem (CAMPOS, 2019).

Assim, quando o filósofo afirma em sua obra que quem faz o ensino é o aluno, não desvaloriza a figura do professor, pois isso seria de certo modo um tanto contraditório e constituiria uma desvalorização do ofício de professor universitário, que era seu cargo. O centro do processo de educação é o aluno, pois o mestre ensina para que este aprenda. Ao professor, cabe ensinar e ao aluno, estar aberto para aprender, pois, se isso não acontece ocorre um fracasso. E ainda acrescenta que o conhecimento se dá com a participação do discente, pois, se o aluno não participa acontece apenas uma transferência deficiente de uma mente para outra (MAYER; FITZPATRICK, 1936; GODOI, 2013).

No terceiro artigo, o filósofo medieval se debruça sobre a discussão a respeito da possibilidade de um ser angélico transmitir um conhecimento ao homem. Nesse artigo o autor demonstra que isso pode ocorrer de fato, pois o espiritual pode agir sobre o corpóreo. Para explicar a questão levantada, o Aquinate utiliza a metáfora do médico e do agricultor (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

O pensador compara o ofício do professor ao do médico. O médico conhece o estado do seu paciente e o trata de forma exterior, dando o necessário para que ele se restabeleça, fazendo com que a saúde do indivíduo se restaure por sua própria natureza, sendo o médico apenas um instrumento. Assim também ocorre com o professor, que, após conhecer o aluno, aplica a ele a melhor didática do conteúdo

para que o mesmo contemple a verdade (conheça) por sua própria natureza (GODOI, 2013). Estudiosos afirmam que:

A metáfora usada por santo Tomás de Aquino é extremamente esclarecedora com relação ao entendimento no que diz respeito à educação. Ela abarca os fundamentos duma educação baseada em elementos teológicos. Além disso, esclarece a participação e o papel do docente e o do discente no processo de aprendizagem (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019, p. 11).

O ofício do mestre pode ser comparado ainda ao ofício do agricultor. Não é próprio do ofício do agricultor fazer uma árvore, ou ainda fazê-la crescer e dar frutos simplesmente. O agricultor apenas auxilia com os meios que possui para que ela cresça e produza frutos. É próprio da natureza que isso aconteça, assim como é próprio também da natureza humana que se conheça ao oferecer os meios para isso (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

O médico, o agricultor e o professor são colaboradores da natureza, aquilo que se chama *Ars cooperativa naturae*. Eles são causa eficiente enquanto o objetivo é desenvolver a finalidade a que foi criado. Desse modo, o papel do professor no processo de conhecimento do aluno é totalmente externo, pois ele é um educador dos sentidos externos. Quem ensina os sentidos internos é o educador por excelência, que é Deus, pois é este o responsável por infundir uma luz no indivíduo denominada inteligível, para que, assim, o intelecto humano capte e conserve o conhecimento.

A razão ilumina a inteligência e convida a vontade não por forças humanas, mas por forças sobre-humanas. Além disso, mesmo que o aluno seja o grande responsável para que se chegue à luz da verdade e consiga alcançar um conhecimento verdadeiro, o professor não deve ser esquecido, pois exerce um ofício de grande relevância para o conhecimento (GODOI, 2013).

Por fim, no quarto e último artigo, a discussão levantada é se o ato de ensinar pode ser chamado de vida ativa ou contemplativa. Neste artigo é apresentada a questão referente àquilo que tange a matéria com relação às realidades temporais: vida ativa, e o que está relacionado à vida contemplativa: realidades inteligíveis. Desse modo, o ato de ensinar está relacionado à vida ativa e contemplativa, pois através do estudo, do debruçar-se sobre o conhecimento chega-se ao saber (BERARDINO, 2002). Assim, é válido enfatizar:

Ora, no ato de ensinar encontramos uma dupla matéria, o que se verifica até gramaticalmente pelo fato de que “ensinar” rege um duplo acusativo: ensina-se – uma matéria – a própria realidade de que trata o ensino e ensina-se – segunda matéria – alguém, a quem o conhecimento é transmitido. Em função da primeira matéria, o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa; em função da segunda, da ativa. Porém, quanto ao fim, o ensinar é exclusivamente da vida ativa, pois sua última matéria, na qual se atinge o fim proposto, é a matéria da vida ativa. Daí que pertence mais à vida ativa do que à contemplativa, se bem que se de algum modo pertença também à vida contemplativa, como dissemos (AQUINO, 2017, p. 173, grifo do autor).

No ato de ensinar há duas matérias básicas denominadas vida contemplativa e vida ativa. O primeiro está ligado à questão do conteúdo daquilo que está sendo ensinado e também à pessoa a quem se ensina, pois o princípio do ensinar emana da vida contemplativa. Assim, quando o discente se admira com o conteúdo, chega à vida ativa e contemplam essas realidades tanto o professor quanto o aluno, pois do aluno é próprio que aprenda o que lhe for ensinado e é próprio do professor que tenha aprendido antes para depois ensinar (CAMPOS, 2019).

### 3.2 **DE MAGISTRO:** APONTAMENTOS PERTINENTES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO

O homem se constitui na medida em que chega ao conhecimento. Esse conhecimento, todavia, não é um emaranhado de informações ou um conhecer aleatório. Tomás ressalta que o conhecimento que se adquire deve ser ordenado no intelecto humano favorecendo seu crescimento enquanto homem.

Aprender não é apenas adquirir um enleado de informações que se memorizam, pois aprender é um ato de reflexão a respeito daquilo que se aprendeu. Assim conhecendo, o aprendiz deseja conhecer ainda mais se aprofundando. Dessa forma, o ato de aprender é uma reflexão constante (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

O homem nunca abre mão daquilo que é antropológico nele, ou seja, segundo a concepção filosófica antropológica de Aristóteles o homem possui um profundo desejo de conhecer, próprio da alma humana. Nesse sentido, podemos assim considerar:

Portanto, diante destas afirmações e para exemplificá-las, Tomás de Aquino explica que há no homem duas potências preexistentes. Uma é potência ativa completa, ou seja, um princípio intrínseco capaz de atualizar-se mediante a ajuda de um agente externo, “fornecendo meios que possam fazer surgir o ato”. É o que se sucede com o médico que ajuda curar a doença de seu paciente, agindo como causa eficiente ou coadjuvadora da natureza humana, ajudando a fortalecê-la, por meio dos conhecimentos da medicina. A outra é a potência passiva, onde o agente extrínseco reduz, de forma primordial, a passagem da predisposição ao ato, “tal como o fogo faz do ar – que é potência de fogo – ato de fogo” (PILCHLER, 2019, p. 6, grifo do autor).

A verdade se encontra por primeiro em Deus, em segundo, naquilo que é materializado nas coisas, nos conceitos e nos símbolos; e em terceiro, na mente do ser humano, que abstrai aquilo que se vê e se escuta. O indivíduo adquire o conhecimento que está em Deus pela luz natural da razão. Assim sendo, para o filósofo medieval, contempla-se a verdade através da luz natural da razão ou através da luz sobrenatural da fé.

Quando compreendemos algo, entendemos reduzindo-as às coisas já conhecidas. Quando se aprende, se reduz aos primeiros princípios do intelecto. Esses princípios são aqueles que possibilitam conhecer o ser e também os primeiros princípios que se seguem à apreensão do ser. Como, por exemplo, a não contradição, aliás, no processo do conhecimento, o professor começa ensinando através das coisas que o aluno já sabe para que paulatinamente se conheçam realidades maiores. O professor acompanha o aluno passo a passo rumo ao conhecer.

Fica evidente na obra ***De Magistro*** que o autor parte do pressuposto de que o aluno possui o conhecimento em potência. O ser humano é um ser racional, faz o uso da razão e, se ainda não o faz, é porque ainda é criança ou porque não teve oportunidade de aprender devida a circunstâncias ou a obstáculos. Ele tem, portanto, o conhecimento em potência, irá desenvolvê-lo ao longo do tempo com o auxílio do mestre que irá ampará-lo rumo ao processo do conhecimento. O professor irá guiar o discípulo para a verdade. Portanto, o aluno necessita do mestre para que este o ajude a organizar suas ideias através de um método reflexivo capaz de determinar a ascensão do discente para a contemplação da verdade (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1970).

É muito evidente, ainda, na pedagogia tomista que os pressupostos ali presentes sejam todos inerentes à tradição aristotélica. O Aquinate afirma que é da natureza do homem saber. Na ciência do saber há três formas de conhecimento

racional, afirmando que ele é prático, teórico e produtivo. Assim, o conhecimento prático busca o saber em função do agir, o teórico busca o saber pelo saber, e, por fim, o produtivo tem por objetivo o saber em função do fazer (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

A ciência do saber tem uma hierarquia na qual a Metafísica se encontra no ponto mais alto. Enquanto que o saber teórico é preferível para as outras ciências, na Metafísica essas ciências adquirem um significado justo. Desse modo, há uma diferença entre o intelecto especulativo ou teórico e o intelecto prático ou operativo, pois o teórico tem por fim a verdade, e o prático, a operação. A relação da pedagogia tomista está inserida nessas duas concepções. Lemos que:

No centro da filosofia da educação de Tomás, encontra-se a tese fundamental de sua antropologia: *anima forma corporis*, a profunda unidade, no homem, entre espírito e matéria: a alma é forma substancial, em intrínseca união com a matéria. Essa tese, originalmente aristotélica, não era, como se sabe, bem vista nos meios teológicos da época: era considerada perigosa para um cristianismo que não valorizava a matéria e o corpo; a vigência teológica pretendia uma concepção demasiadamente espiritualista do homem: o homem possuiria três almas e a alma verdadeiramente importante seria a espiritual e a condição carnal era considerada antes um estorvo para a elevação do espírito. Contra essas antropologias “angelistas”, Tomás – corajosa e decididamente – afirma o homem total, com a intrínseca união espírito-matéria, pois a alma é forma: co-princípio ordenado para a intrínseca união com a matéria (LAUAND, 2000, p. 6, grifo do autor).

Destarte, podemos chegar à conclusão de que as ciências especulativas estão classificadas em dois grupos. Uma vez que, temos o conhecimento científico teórico dividido em duas partes, pois o intelecto é imaterial e pertence à mesma natureza o seu objeto, obtendo como resultado o conhecimento intelectual. De outro lado, quando se trata de um conhecimento que seja científico, o objetivo é seu movimento, isto é, um objeto necessário. Mas existe ainda outro critério de grande importância para Tomás, que é o conhecimento da ciência especulativa, totalmente fundamentada no que diz respeito ao critério de afastamento da mutabilidade do mundo sensível (PICHLER, 2019).

Desse modo, podemos perceber que a pedagogia tomista encerra uma doutrina que supera, em muitos aspectos, a forma de conceber a educação nos séculos anteriores ao pensador medieval. Ademais, é uma pedagogia na qual se podem apontar luzes para problemas que se acentuam de forma avassaladora no âmbito pedagógico educacional.



Filosoficamente, esta pedagogia recebe o nome de conhecimento sensitível, pois ocorre primeiro através de exemplos, coisas as quais já se veem para que assim explique coisas maiores e se chegue ao conhecimento delas.

Além disso, os pressupostos dessa pedagogia estão todos fundamentados na antropologia filosófica e na teoria do conhecimento de Aristóteles. Daí o fato de o Aquinate ressaltar diversas vezes que o aprendizado eficaz é aquele que vai da potência ao ato, do particular ou sensível para aquilo que denominamos na Filosofia por universal, geral ou inteligível. Por isso, percebe-se que:

A aptidão do homem para a educação é dom divino, que somente a ele é dispensado. Só o homem tem a capacidade de visão dos problemas, a intuição das relações, o poder de resolver as questões para o conhecimento da verdade. Só ele pode formar hábitos intelectuais e, por eles, auferir as vantagens da experiência. Só ele é capaz de desejar, deliberadamente, a integração dos poderes adquiridos para a solução do problema supremo – o sentido da vida (MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 128).

Tomás é conhecido como um dos grandes filósofos do período da Escolástica e que abordou a temática da educação no âmbito da antropologia filosófica. Foi graças à formação recebida que o Aquinate conseguiu elaborar seu pensamento e ser um douto na academia da época. Além disso, o pensamento tomista a respeito da educação possui grande relevância até os dias de hoje (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

Possuidor de grande habilidade para discorrer sobre os temas filosóficos, Tomás se dedicava constantemente à meditação e ao estudo. Influenciado pelo modelo escolástico, ele defende ainda que o discente deve ser reflexivo, sequioso pela verdade e livre para expor sua concepção.

O educador não deve esquecer-se de que sua missão primordial é acompanhar passo a passo o aprendiz para que, no tempo oportuno ele possa crescer no conhecimento, e a forma de se passar um conteúdo a ser aprendido deve ser perfeita e explícita para que se possa ter um conhecimento eficaz. O principal, isto é, aquilo que não deve ser perdido de vista no educando é a reflexão, pois tudo o que está no intelecto humano passa antes pelos sentidos.

Observando a obra *De Magistro*, percebemos que erros comumente presentes nas instituições educativas podem ser resumidos na falta de um planejamento sério de ensino, bem como a instabilidade dos discentes, além da falta de tempo ou de prioridades dos educadores, não colocando assim o aprendizado

como ponto a ser alcançado. Para isso, com a intenção de oferecer respostas que satisfaçam nossos anseios, levantar-se-á no próximo capítulo uma análise da questão da alteridade elencando os pressupostos presentes na educação tomista, frente às experiências de observação adquiridas no período de estágio.

## 4 A PEDAGOGIA TOMISTA CONTEMPLADA COMO RESPOSTA AOS PROBLEMAS PEDAGÓGICOS ENFRENTADOS NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo tem por objetivo abordar a questão da alteridade na pedagogia apresentada por Tomás de Aquino no período medieval e sua aplicabilidade ao contexto contemporâneo, mostrando que se trata de uma pedagogia bastante profícua ainda hoje. Para isso, apontará a concepção pedagógica tomista, expondo alguns aspectos do aprendizado e da relação entre aluno e professor, relacionando-os com as experiências adquiridas durante as atividades de estágio.

### 4.1 APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA TOMISTA NA ATUALIDADE

Quando falamos da obra *De Magistro* é importante levarmos em consideração que Tomás de Aquino é bastante honesto e evita todo tipo de omissão com relação ao tema abordado, pois expõe as questões a serem discutidas na ordem correta e, em seguida, elenca as possíveis respostas e objeções que podem surgir, expondo-as de maneira bastante clara.

No tempo do Aquinate, os mosteiros eram considerados os lugares nos quais predominavam o conhecimento e o ensino de qualidade. Vale lembrar que, a partir do século IV, houve um afastamento dos homens da vida citadina e, com isso, a arte de filosofar e o interesse pela verdade foram aos poucos se afastando da vida urbana e fazendo-se presente apenas nos mosteiros. Mas, no século XII, começou a surgir um retorno a um conhecimento e a um filosofar nas cidades. No século XIII, a arte de filosofar encontrava-se presente também nas universidades (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009).

Para o filósofo medieval, existem duas maneiras para se ascender ao conhecimento: a primeira forma se dá quando a razão por si mesma alcança o conhecimento que ela não possuía antes, ao que se dá o nome de **descoberta**. O outro meio de se adquirir o conhecimento é através do ensino, isto é, através de um processo natural e dedutivo da razão. Trata-se de um conhecimento com princípios intermediários transmitidos por um profissional que recebe o nome de professor. Esse processo de se adquirir conhecimento é o mais eficaz, embora o mestre não seja a causa do conhecimento no discente, pois o conhecer ocorre através de uma

luz natural, a razão, que é própria do homem (CAMPOS, 2019). Dessa forma, o filósofo enfatiza:

E é por isso que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto de fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava. E do mesmo modo como se diz que o médico causa a saúde no doente pela atuação da natureza, também se diz que o professor causa o conhecimento no aluno como atividade da razão natural do aluno. E é nesse sentido que se diz que um homem ensina a outro se chama mestre (AQUINO, 2017, p. 137).

É possível fazer-se menção a uma teoria evolucionista no processo educacional do Aquinate, uma vez que para ele ensinar passa de potência a ato. A potência vem do Mestre interior, que é Deus, e o desenvolvimento do mesmo ocorre por ação do próprio homem, da própria natureza (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

Assim, quando se raciocina algo, isso só se torna convincente quando reduzimos aos primeiros princípios do ser. As informações abstraídas vêm da natureza, isto é, de algo que conhecemos, e que está à nossa volta. Só compreendemos algo quando nos damos conta de que a coisa falada existe e tem uma propriedade que é o existir, que se torna uma abstração da inteligência. A educação é um ofício laborioso e, para que uma educação eficaz ocorra, deve-se abrir mãos das utopias, pois, para se desenvolver, é imprescindível que se encontrem desafios e obstáculos. A pedagogia do pensador é uma pedagogia essencial para uma educação de qualidade. Nesse sentido:

O ensino, para Tomás de Aquino, deve principiar pelos elementos que o aluno conhece. O ensino não pode ser uma imposição, um jogo de palavras, nem resultado e uma adoração pelo mestre. Como demonstram seus estudos, nele deve prevalecer o espírito de ponderação. É necessário começar pela realidade concreta e conhecida para que se possa ensinar ao aluno o caminho da verdade. Aparentemente, essa ideia é muito simples, mas, na verdade, é muito difícil, pois exige do mestre humildade e humanidade para ensinar com base nas coisas mais simples e objetivas (MARCONDES, 2004, p. 97).

É importante fazer com que o aluno compreenda que ele possui um potencial que precisa ser desenvolvido constantemente com o auxílio e a interferência do educador (CAMPOS, 2019).

Destarte, a verdade entendida como cerne do conhecer rompe com a individualidade, com os interesses meramente pessoais. A educação nunca deve ser

compreendida e transmitida como meios exclusivamente partidários e monetários, pois assim se tornaria restrita e parcial, reduzindo o homem e o tornando um ser mesquinho.

Deve-se ter em vista ainda que o ato de ensinar não é um ato meramente intrínseco à educação, pois o ato de aprender e conhecer é algo sensível. O ato de ensinar não é apenas uma reassociação mecânica e memorativa. Trata-se de provocar o aluno para que ele reflita e contemple a verdade (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

É importante, ainda, compreender a complexidade humana, para Aristóteles, para se ter uma melhor compreensão de Tomás, o qual modifica o conhecimento potencial. Para o Doutor Angélico, aquilo que o aluno já conhecia passará a compreender em ato. Em suma, para o grande filósofo medieval o professor deve ampliar as potencialidades do seu discente. E ainda:

É legítimo afirmar que o homem é verdadeiro professor, que ensina a verdade e que ilumina a mente, não porque infunde a razão em outro, mas como que ajudando essa luz da razão para a perfeição do conhecimento, por meio daquilo que propõe exteriormente, tal como o diz São Paulo (Ef 3,8): “A mim que sou o ínfimo entre os santos, foi dada esta graça: a de iluminar a todos etc.” (AQUINO, 2017, p. 137, grifo do autor).

A obra *De Magistro* é importante quando observada no âmbito da alteridade, pois tal escrito parte de uma profunda preocupação com relação ao ensino, à educação e sua metodologia, trazendo profundas discussões não somente com relação ao conhecimento, mas também em relação ao aluno e ao professor.

Assim, compreendida essa problemática, podemos responder à pergunta levantada na obra se Deus é também um mestre ou não. Todavia, quanto a esta interrogação, ele adverte que sim, Deus pode ser chamado de mestre, uma vez que ele foi um grande professor que soube ensinar aos homens de seu tempo, utilizou-se de uma metodologia própria para que tantos chegassem ao conhecimento das coisas divinas. Além disso, ainda hoje Deus utiliza-se de alguns mecanismos para que o homem alcance o conhecimento, e este meio é o professor.

O bom mestre, para o pensador, ou o bom professor é aquele que possui a capacidade de formar homens independentes, homens que sejam também mestres. A questão da ética relacionada ao ensino possui grande nitidez quando se trata da função do professor. Este não deve se restringir apenas em entusiasmar os alunos

em debates, não deve apenas defender pontos de vista com o fim de conscientizar seus alunos. O ofício do docente é maior e mais grandioso que isso, pois presta uma ajuda para que o discente contemple a verdade (PETERSON, 1981).

Algo muito defendido pelo Aquinate é que não se deve igualar o diferente. Há uma tendência de colocar em um mesmo grau o aluno e o professor, afirmando-se que são iguais porque ambos aprendem um com o outro. Com relação a isso, Tomás afirma que a aproximação entre aluno e professor possibilita um ensino mais eficaz, porém ambos são diferentes em suas realidades e funções. O docente pode aprender com o aluno, porém, trata-se de um aprendizado diferente, pois o aluno aprende enquanto aluno, e o professor aprende enquanto professor, e o aprendizado de ambos nunca será do mesmo modo (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). O pensador afirma que:

No aluno, as representações das coisas inteligíveis, pelas quais se produz o conhecimento recebido pelo ensino, são imediatamente de seu intelecto agente, mas mediamente propiciadas pelo professor, ao propor sinais das coisas inteligíveis a partir dos quais o intelecto agente capta os conteúdos e os representa no intelecto paciente. Daí que as palavras do mestre, ouvidas ou lidas, causem o conhecimento do mesmo modo as realidades externas, pois tanto a estas quanto àquelas volta-se o intelecto agente para receber os conteúdos inteligíveis, se bem que as palavras do professor estão mais próximas de causar o conhecimento do que as realidades sensíveis externas, enquanto sinais dos conteúdos inteligíveis (AQUINO, 2017, p.136).

É pertinente destacar, de um lado, que não se encaixa na pedagogia de Tomás: o professor sem paciência, o professor que não explica, o professor que não acompanha seu aluno e o professor que não está interessado no aprendizado do aluno. De outro lado, se encaixa nessa pedagogia: o professor que é paciente com seu aluno, o professor que explica parte por parte até que o aluno compreenda, o professor que deseja que o aluno chegue à verdade, e o professor que possui didática ao ensinar.

Ao professor é necessário um profundo conhecimento com relação àquilo que tange às limitações e às possibilidades do aluno. Em outras palavras, o professor deve conhecer com profundidade seu objeto de estudo, evitando dessa maneira quaisquer formas de julgamentos com relação ao aluno (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). De acordo com os autores:

A visão de Santo Tomás não implica um autoritarismo. É claro que a figura do mestre está criada pela autoridade, é intrínseca à sua função. Contudo, o mestre não viola os princípios fundamentais antropológicos como a liberdade, o respeito, o próprio processo de aprendizagem. O mestre não infringe a condição humana, ao contrário, está a favor dela. O mestre deve estar a favor da natureza humana e por isto respeitar sua condição. Por condição pode-se entender as limitações próprias do homem, por exemplo, para uma criança aprender um determinado assunto é necessário tempo. O mestre não pode exigir aprendizado desconsiderando o tempo, outra coisa poderá ser a idade, um adulto em processo de alfabetização é diferente de uma criança (SANTOS; LOPES; PRADO, 2011, p. 11).

Quando se fala em educação e em alteridade corre-se o risco de se fixar toda teoria educacional na pessoa do professor como se tudo estivesse relacionado a ele. É comum que aqueles que observam o cenário educacional de forma crítica, sem as devidas bases, para isso joguem a culpa de o aluno não compreender o que é ensinado apenas na pessoa do professor. Todavia, ao se fazer isso, descarta-se a responsabilidade que o aluno deve ter, rejeita-se que o discente é o grande responsável para que o conhecimento seja de fato adquirido e chegue à sua plenitude.

É claro que o professor deve aperfeiçoar seus conhecimentos sempre mais, deve estar devidamente preparado para aquilo que há de encontrar. Mas o aluno possui personalidade, possui direitos e deveres como todo ser humano e, ao se falar de Pedagogia, não se pode descartá-lo, porque ele mesmo, como o grande beneficiário do conhecimento, deve estar predisposto para adquiri-lo, deve trazer em seu interior os meios para isso (MARCONDES, 2004).

O aluno é o agente principal da educação e aprende, segundo Tomás, através de uma efusão na razão humana realizada por Deus. Assim, o ato de ensinar não é somente transferir conhecimento, não é somente verbalizar ou ouvir discursos; ensinar é, acima de tudo, chegar ao conhecimento e provocar reflexões (MAYER; FITZPATRICK, 1936).

Tomás afirma ainda que, para ensinar, é necessário que o aluno acompanhe o professor, e o professor acompanhe o aluno nas questões referentes aos conceitos. O professor auxilia o aluno, mas o aprender é algo exclusivo do aluno sem se deixar esquecer, porém, que não existe ensino sem aprendizado. O aprender, o conhecer é um aperfeiçoamento. Aprender é algo que depende muito do aluno, pois ao professor cabe apenas ensinar e nunca impor (GARDIEL, 2013).

O pensador chama a atenção em sua obra no sentido de que devemos recuperar cada vez mais as necessidades do aluno. Deve-se estar atento às necessidades do aluno para que assim possa-se conhecê-las e ensiná-las. Com efeito, na obra ***De Magistro*** discorre-se sobre o tema da missão do aluno naquilo que ao tange o ensino e à aprendizagem, bem como à missão do professor no processo educacional.

Com relação ao artigo de número quatro, faz-se a pergunta se o ato de ensinar é um ato ativo ou contemplativo. O autor afirma que, se aquilo que foi exposto se chegou ao conhecimento, isto é, à contemplação da verdade, tem por fim algo que se externaliza, sendo assim vida ativa e contemplativa. A contemplação está no ato de exercitá-la (PICHLER, 2019).

Faz-se mister, portanto, que a sala de aula seja um ambiente que leve os alunos a construírem um espaço reflexivo de aprendizagem. E não apenas recebam um conhecimento pronto e acabado. É importante que haja um diálogo entre os vários fatores que constituem uma educação ideal: aluno, professor, escola, estado e plano pedagógico. Mesmo que não haja uma configuração única para o ensino, deve-se adaptá-la a cada esfera de ensino.

#### 4.2 ALTERIDADE: RELAÇÃO EMPÁTICA ALUNO-PROFESSOR NO PROCESSO EDUCACIONAL

Foram perceptíveis durante a experiência do estágio inúmeras situações que configuram o cenário da educação na atualidade. O ensino que é base central para o pensamento tomista na reflexão do ***De Magistro*** passa por dificuldades e necessita da superação de vários fatores muito comuns. Estes estão longe da perspectiva de uma aprendizagem saudável e construtora de um mundo que possibilite o crescimento no conhecimento.

Aspectos políticos, sociais, econômicos e afetivos influenciam cada vez mais negativamente o itinerário da educação brasileira e, por isso, tornam-se comuns crianças e jovens desinteressados e sem perspectiva sólida pela busca do conhecimento e da verdade. Parecem ir à escola por ir, há um grande desinteresse; e a causa do mesmo parece estar ligada a diversos fatores, os quais destacaremos neste tópico.



É importante lembrar, ainda, que o aluno é o agente principal da educação. É ele que possui a capacidade de aprendizagem para nele germinarem suas potencialidades, uma vez que aprender é progresso, evolução, desenvolvimento; torna-se nítido que o agente principal é o aprendiz, e, em particular, seu intelecto ativo (AQUINO, 2017). Estudiosos afirmam que:

A plasticidade educativa específica do homem, é devida ao intelecto agente, capaz de abstrair a essência da experiência, seus coeficientes intelectuais, seu conteúdo inteligível. O intelecto agente torna compreensível o sentido da experiência, traduzindo-a em palavras e utilizando-a para a redireção ou retificação da mesma. O intelecto agente é potência ativa, não passiva. A potência passiva só reage a estímulos extrínsecos; a potência ativa pode agir por si. Na potência passiva, os estímulos extrínsecos são causas principais indispensáveis; na ativa, são causas instrumentais ou auxiliares, nem sempre necessárias. O intelecto, agente humano, educa-se principalmente por si. O professor é causa auxiliar e quase instrumental da educação intelectual (MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 24).

A educação é um processo de aperfeiçoamento imanente e, por isso, nenhum professor pode impô-la. A atividade pessoal do aluno é de suma importância no processo educacional. Símbolos, palavras ou qualquer abreviação da experiência real não são capazes de sozinhos transferir o conhecimento ao aluno e, por isso, concluímos que a educação também depende do próprio aluno.

É pertinente, contudo, o questionamento de que nas nossas escolas haja um desinteresse dos discentes com relação ao estudo. É nítida, muitas vezes, a falta de vontade, o esforço descomprometido (MAYER; FITZPATRICK, 1936). Não podemos deixar de lado, ainda, o fato de que muitos jovens e crianças enfrentam situações sociais que os levam a se preocuparem muito cedo com o trabalho, fazendo com que a educação fique em planos inferiores. Mediante tudo isso surgem as perguntas: o que fazer? Qual a causa de tudo isso?

É tarefa própria do professor tomar consciência da necessidade de investir constantemente em sua própria formação, buscando aprofundar e alargar seus conhecimentos para que, na medida do possível, possa auxiliar também no contorno dessa triste realidade. Isso se justifica, essencialmente, pela percepção na qual defende o Doutor Angélico que o professor deve dominar sua área, buscar sempre se atualizar, tendo consciência daquilo que ensina. O docente deve cumprir realmente sua função, pois somente agindo deste modo poderá estimular a capacidade pessoal do aluno (CAMPOS, 2019). É por isso que, segundo alguns autores:

O defeito de muitas escolas atuais nossas é a falta de plano sério, a perda de tempo e a instabilidade nas ocupações dos alunos. Nem pais nem mestres têm tempo para deixar a criança executar, por si, a tarefa. Não podem esperar pela criança, dizem que não dariam cabo do seu trabalho! [...] Pais e mestres são inclinados a intervir e, tirando a tarefa das mãos das crianças, destroem, em boa parte, a ocasião do trabalho responsável e bem sucedido. Intervenção contínua, impedimento ou confiscação da tarefa das crianças, são, em suma, as condições práticas escolares que tendem a desintegrar a personalidade (MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 26).

É importante, ainda, que haja uma revalorização da profissão do docente, a qual deve começar pelos cuidados com a formação do professor. É importante tornar os cursos de Pedagogia momentos efetivos de reflexão sobre a educação bem como condições para que haja uma superação da atividade meramente burocrática em que mergulham muitos desses cursos. Haja vista que o professor é um profissional e, como tal, além da boa formação, deve ter garantidas as condições mínimas de um trabalho decente: materiais adequados, reuniões pedagógicas, atualização permanente, plano de carreira, além de salários mais dignos (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019). Lemos que:

Ao ressaltar a importância e a tarefa própria do professor, as teses do Doctor Angelicus acabam levando, por assim dizer, os educadores a tomarem consciência da necessidade de investirem em sua própria formação, de buscarem aprofundar e alargar seus conhecimentos. Isso se justifica, essencialmente, pela percepção de que, como defende o Angélico, somente um professor que domina sua área, que busca sempre se atualizar, que tem ciência daquilo que ensina cumpre realmente a sua função e, ainda por cima, somente agindo assim ele poderá estimular a capacidade pessoal do próprio aluno (GODOI, 2013, p. 79).

É nesse sentido que, diante do exposto, pode-se estabelecer o papel da alteridade. Esta, de modo efetivo, encontra-se na relação professor-aluno, pois muito mais que um conceito, trata-se de uma prática. A alteridade consiste, basicamente, em colocar-se no lugar do outro, entender as angústias do outro, tentando assim pensar no sofrimento alheio.

Além disso, a alteridade também é reconhecer que existem culturas diferentes e que elas merecem respeito em sua integridade. Desse modo, o reconhecimento respeitoso da diferença é o primeiro passo para se construir uma sociedade escolar democrática e justa, que estabeleça laços entre discentes e docentes. É válido ainda ressaltar que a noção de alteridade, a qual se infere da obra de Tomás de Aquino, foi, ao longo da história da filosofia, desenvolvida por outros pensadores. Dentre

estes, destaca-se a figura do contemporâneo Emmanuel Lévinas (1906-1995), a quem se atribui inclusive o epíteto de filósofo da alteridade.

Hodiernamente, um termo associável a este trato e laço educacional entre aluno e professor denomina-se **empatia**. Tanto no ambiente profissional quanto fora dele, a empatia é uma competência comportamental importantíssima, e felizes são aqueles que a possuem ou convivem com alguém que a tenha. Aliás, possuir tal virtude é uma questão de grande qualidade, pois diz respeito à nossa relação com o outro, como próximo. Todavia, a empatia não é uma habilidade que se encerra em si mesma, que se resume somente em quem a possui. Ela ultrapassa fronteiras e vai além.

É preciso que se estabeleçam laços entre aluno e professor, mas é importante também que não se confunda o lugar em que ambos devem estar, pois um é aluno, e o outro é professor, há diferenças intrínsecas entre eles, porém deve haver uma convivência na qual se construa uma distinção. É preciso que os papéis de alunos e professores estejam bem redefinidos para que a alteridade aconteça de forma plena e eficaz (MAYER; FITZPATRICK, 1936).

Os seres humanos, é claro, prezam por suas identidades, que são o que de mais imediato e preciso temos em nossas particularidades. Essa identidade garante a nossa individualidade e pode ser, ainda, o gatilho para um comportamento individualista. Nesse sentido, a princípio, a identidade parece ser o início do não reconhecimento da alteridade, e é por isso que a Filosofia pode ajudar-nos a compreender a importância da alteridade no mundo educacional (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009).

Nesse sentido, a sensibilização é a porta para entrar na implementação da alteridade, pois assim se reconhece a personalidade, a identidade e a individualidade do outro bem como o modo para construir-se uma educação plena. Afinal, se não tenho um modo de ver o mundo que enxergue a possibilidade de uma existência diferente da minha, estou negando a minha própria liberdade de ser quem eu sou.

É importante entender que existem diferentes pessoas com diferentes demandas, uma vez que, as pessoas são singulares, e do mesmo modo que tenho o direito de exercer a minha individualidade, o outro também o possui (SANTOS; LOPES; PRADO, 2019).

Compreendido um pouco a respeito da alteridade, compreendido sobre a complexidade que, por vezes, há entre o papel do professor e do aluno, bem como a

respeito da importância do professor na vida do aluno, é importante lembrar que Tomás propõe duas perspectivas de ensino para o aluno: o estudo pessoal e o ensino dado pelo professor. Todavia, o ensino do professor deve levar o aluno a pensar por si mesmo, a realizar uma reflexão pessoal que faça com que investigue o problema, trabalhe seu pensamento crítico e chegue a um entendimento que não é dado pronto e acabado, mas sim construído aos poucos para que produza frutos (MAYER; FITZPATRICK, 1936). É válido acrescentar que:

Também o ensino é a organização dos elementos, com o fim de dar a outrem a “certeza intuitiva” da ordem. É o que faz o professor, no plano sensorial, dispondo o ambiente de tal modo, que o aluno há de formar imagens, ordenadamente associadas, ou recordações de sensações passadas. No plano intelectual, obtém-se de tal resultado, dispondo os símbolos dos conceitos ou elementos da ordem intelectual, de modo que o estudante, por meio da “certeza intuitiva”, forme hábitos verdadeiros ou elementos constitutivos do caráter. Aprender é, pois construir o caráter e ensinar é arquitetá-lo ou dirigir-lhe a construção (MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 215, grifo do autor).

Destarte, para que a aprendizagem seja significativa, é preciso que cada nova informação, conteúdo, conhecimento tenha relações com aquilo que o aluno já conhece, com seus conhecimentos prévios. Desse modo, o aluno irá construir relações significativas produtoras de novos conhecimentos.

No entanto, vale a pena ressaltar aquilo que Tomás enfatiza a respeito de como deve ser o comportamento na sala de aula. Deve haver afeto e sentimentos de amor pelo conhecimento por parte do aluno e do professor, e para que isso aconteça é essencial a alteridade, isto é, compreensão e realização dos papéis a serem exercidos (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2009).

Portanto, é imprescindível enfatizar que na relação aluno-professor a alteridade deve existir, porque olhar e sensibilizar-se neste liame faz com que a educação ultrapasse as agruras que preenchem as lacunas educativas das nossas escolas. E, além disso, a empatia incluída na alteridade consciente é capaz de promover a esperança da superação das deficiências enfrentadas hodiernamente, dado que, mesmo não sendo intitulado filósofo da educação, Tomás de Aquino versa sobre uma temática bastante imperiosa, e que, ainda hoje, é evidenciada. Que esta breve análise, fruto de muitas outras já realizadas, estimule uma reflexão pertinente e fértil para a educação nos diversos espaços a ela reservados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendido o período medieval, a vida e o pensamento de Tomás de Aquino naquilo que tange a Educação, percebemos, com este trabalho, que não devemos menosprezar os séculos passados. Estes lançam luzes para o século presente, ajudando-nos a enfrentar os desafios vigentes na contemporaneidade, em especial, no âmbito educacional.

Percebe-se que, embora tenha vivido em um tempo cronologicamente distante do nosso, o Aquinate trouxe profundas contribuições para a sociedade da época e para os dias de hoje, uma vez que, os desafios são muitos, e o homem possui em seu interior uma perspectiva de esperança nas questões mais urgentes, como é o caso da Pedagogia, da Educação e da ascensão ao conhecimento.

Além disso, ao estudar este filósofo medieval, vê-se que ele possuía uma enorme capacidade de acolher e dialogar com aquele que é diferente, tentando compreendê-lo. Sua pedagogia envolve um diálogo com a Filosofia, com a Teologia e com a Educação. Há um diálogo com as disciplinas que envolvem tudo aquilo que é próprio do indivíduo. Em outras palavras, tudo aquilo de que ele é composto, considerando-se que o homem é um ser dotado de um corpo, de um espírito e de uma inteligência. Tomás compreende o homem como um ser complexo que necessita ser observado de forma atenciosa e integral.

Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo compreender bem a proposta pedagógica abordada pelo Aquinate, mostrando que sua prática educacional muito pode contribuir com as atuais formas de ensino. Em conformidade, o problema contemplado consistiu em compreender e aprofundar a respeito da pedagogia tomista.

No primeiro capítulo, realizou-se uma contextualização histórica e biográfica do período medieval e da vida de Tomás para que se pudesse compreender a sua importância para a educação. No segundo capítulo, tratou-se de compreender como acontece o processo de educação e aprendizagem no contexto medieval tomista, tendo como pano de fundo a obra ***De Magistro***, a qual trata das questões referentes à pedagogia tomista. Por fim, no terceiro capítulo, tratou-se de analisar a questão da alteridade pedagogicamente enquanto elemento fundamental no processo de aprendizagem, que inclui interiorização e assimilação pelo aluno rumo ao aumento do conhecimento. Nesse mesmo capítulo, relataram-se exemplos adquiridos no

período de minha experiência de estágio que ilustraram suficientemente as questões educacionais relativas à proposta do Aquinate feita em sua pedagogia.

Enfim, o presente trabalho visa também, além de ajudar a apontar um caminho para a conquista da adequada relação de alteridade, que se resume em um conhecimento de si mesmo, bem como o ofício à pessoa confiada, para que, assim, ela possa alçar mecanismos que auxiliem tanto aluno quanto professor a se empenharem em um ensino de qualidade. A educação de qualidade é aquela pela qual o professor ensina, o aluno apreende e pode, através do conhecimento adquirido, auxiliar para que outros também obtenham o mesmo conhecimento. A alteridade, em resumo, está diretamente ligada à verdade, e esta advém da abertura para o conhecimento como tão bem destacou Tomás de Aquino em sua obra ***De Magistro***.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás de. Sobre o Mestre – Parte II. In: CHIUSO, Diogo; DENARDI, Felipe; PERRONI, Thomas (Orgs.). **Sobre o Mestre: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino**. Tradução Felipe Denardi. São Paulo: Kírion, 2017. p. 114-175.

BERARDINO, Angelo Di. **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 8. ed. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **A educação segundo Tomás de Aquino**.

Disponível em:

[http://filosofante.org/filosofante/not\\_arquivos/pdf/Educacao\\_Tomas\\_de\\_Aquino.pdf](http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Educacao_Tomas_de_Aquino.pdf).

Acesso em: 10 fev. 2019.

CAVALCANTE, Tatyana Murer; OLIVEIRA, Teresinha. **Contribuições de Tomás de Aquino para a educação: as virtudes cardeais e o bem comum**. Maringá: Vozes, 2009.

GARDEIL, Henri Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Introdução, Lógica, Cosmologia**. V. 1. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia Medieval).

GODOI, Rodrigo Aparecido de. A concepção educacional de Tomás de Aquino: um estudo do De Magistro. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 5, n. 14, p. 61-83, out. 2013. Disponível em:

[https://www.theoria.com.br/edicao14/a\\_concepcao\\_educacional\\_de\\_tomas\\_de\\_aquino.pdf](https://www.theoria.com.br/edicao14/a_concepcao_educacional_de_tomas_de_aquino.pdf). Acesso em: 10 fev. 2019.

LAUAND, Luiz Jean. Introdução. In: Tomás de Aquino. **Sobre o Ensino (De Magistro) / Os Sete Pecados Capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 3-22.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. **Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Livraria Editora ODEON, 1936.

OLIVEIRA, Terezinha. A Filosofia Medieval: uma proposta cristã de reflexão. In: COSTA, Célio Juvenal (Org.). **Fundamentos Filosóficos da Educação**. Maringá: Eduem, 2008. p. 83-104.

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luis. **História da Filosofia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1970.

PETERSON, Marianna Allen. **Introdução à Filosofia Medieval**. Brasília: Proedi, 1981.

PICHLER, Nadir Antônio. **O Ensino na obra *De Magistro* de Tomás de Aquino**.

Disponível em:

<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/view/205/pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. V. 1. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia).

SANTOS, Patrícia Aparecida Cezário dos; LOPES, Maria Inácia; PRADO, Pe. João Batista Ferraz do. **Uma análise dos fundamentos da Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino**. Disponível em:

<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/Uma-An%C3%A1lise-dos-Fundamentos-da-Filosofia.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.